OS SENTIDOS NA POESIA POPULAR DA REGIÃO DE CASTELO BRANCO*

Francisco Henriques[1]
Tânia Gonçalves[2]
João Caninas[3]

Os cinco sentidos – gravura editada por Asserus van Londerseel em Amesterdão (1610)

* Texto publicado em Medicina na Beira Interior da Pré-História ao Século XXI – Cadernos de Cultura, nº XX, p. 83-88, Novembro de 2006, Castelo Branco.

[1] Antropólogo, da Associação de Estudos do Alto Tejo.
[2] Mestre en Técnicas de Informação, Hospital Amato Lusitano (Castelo Branco).
[3] Arqueólogo, da Associação de Estudos do Alto Tejo.

INTRODUÇÃO

Em 2005 a Senhora Drª Adelaide Salvado convidou-nos a participar, com uma comunicação, nas XVII Jornadas de Estudo "Medicina da Beira Interior da Pré-História ao Séc. XXI". Nesse ano a temática era "Os Sentidos na Obra de Amato Lusitano" e propusemo-nos analisar a representação dos sentidos humanos (tacto, audição, olfacto, paladar e visão) na poesia popular da região de Castelo Branco.

Os cinco sentidos proporcionam ao indivíduo o relacionamento indispensável com o meio que o rodeia e um manancial inesgotável de sensações. Deste modo, são um dos principais meios para apreender o mundo exterior.

A poesia popular que serviu de base a esta análise foi recolhida na área geográfica dos concelhos de Castelo Branco, Idanha-a-Nova, Proença-a-Nova e Vila Velha de Ródão. Neste âmbito e dado existir bibliografia adequada ao objectivo estabelecido não houve necessidade de recolher novos dados com recurso a trabalho de campo. De facto, utilizaram-se os milhares de estrofes poéticas já divulgadas em vários tipos de trabalhos. Do corpus constituído para o efeito, para cada um dos sentidos, eliminarm-se as estrofes repetidas.

As características da poesia que compõem este corpus são idênticas às identificadas na poesia popular da região. Os ambientes são rurais e a linguagem é muitas vezes metafórica. Outra coisa não seria expectável.

Ao longo do texto indica-se entre parêntesis o número de ocorrências identificadas no corpus.

A análise abre com duas versões, semelhantes, de um conjunto de seis quadras com o título "Os Cinco Sentidos" recolhidas em Benquerenças e Rochas de Baixo por José Antunes Belo e Jaime Lopes Dias, respectivamente. A seguir, tratam-se, separadamente, cada um dos cinco sentidos.

Os Cinco Sentidos (Rochas de Baixo)

Os nossos sentidos
Já tos vou distinguir
Com palavras excelentes,
- Escuta, amor, se queres ouvir.

O primeiro era ver
Tua boquinha a falar.
Que linda cara para beijos,
Se os quisesses aceitar.

Segundo era ouvir,
Gosto de ouvir novas tuas,
Trago-te no pensamento
Muito mais do que tu cuidas.

Terceiro era cheirar,
Tu cheiras mesmo a rosa
Oh que lindos olhos tens!
Oh que cara tão formosa!

O quarto era gostar,
Que gostos posso eu ter,
Ausente do teu amor
Mais me valia morrer.

O quinto apertar
As tuas mãos com as minhas.
Havemos de ir à igreja
Trocar nossas palavrinhas.

Jaime Lopes Dias (1966), Etnografia da Beira, 2ª edição, vol. V, Lisboa.

Os Cinco Sentidos (Benquerenças)

Eu tinha cinco sentidos
Que mos deu Nosso Senhor
E já os levo perdidos
Por causa do meu amor.

O primeiro é ver,
Meu amor por te ver, ando;
Se tu em mim fazes gosto,
Eu em ti maior empenho.

O segundo é ouvir,
Ó meu amor, novas tuas;
Trago-te no pensamento,
Muito mais do que tu julgas.

O terceiro é cheirar,
No teu peito, ramalhete;
Saibas que a minha vontade,
Não é outra senão ver-te.

O quarto é gostar,
Que gosto posso eu ter?
Ausente do meu amor,
Mais me valia morrer.

O quinto é apalpar,
A menina pela mão;
Recebê-la em graça
E amá-la no coração.

José Antunes Belo (1985), Benquerenças – no Espaço e no Tempo, edição do autor, Castelo Branco.

A AUDIÇÃO

É o sentido pelo qual se percebem os sons, sua procedência, intensidade e tonalidade. O ouvido é o órgão que recebe estes estímulos, tendo por isso um papel importante na comunicação. Além desta função é ainda responsável pelo equilíbrio do corpo.

Na poesia popular identificarm-se dois termos que servem para nomear este sentido: *ouvir* e *escutar*, nas suas várias formas verbais. A primeira forma é a mais utilisada.

Na poesia popular o sujeito que percepciona o som não é especificado num terço dos casos, num universo de 37 ocorrências. Nos dois terços restantes surge o “eu” com dez menções. Com duas referências cada aparece o amor, a mãe, a(o) filha(o), a divindade. E com uma única menção a justiça, os rapazes, a Aninhas, a Laurinda e a pastorinha.

O som percepcionado pelo sujeito tem três diferentes origens: humana; material; animal.

O som de origem animal é o menos representado, sendo-o apenas em três casos, consubstanciados pelo galo, pelo cuco e pelo gado. Refira-se o papel do galo prenunciador do nascer do dia e do cuco em relação ao início da primavera.

Identificaram-se seis referências à sonoridade produzida por elementos materiais: cinco são relativas ao tocar do sino (da igreja) ou sineta (da missa) e uma ao bater na porta. Reafirma-se o papel do sino na marcação do tempo e das tarefas na sociedade tradicional e na marcação do andamento dos ofícios religiosos.

O som com origem humana é o mais representado, surgindo em vinte e oito situações num universo de 37 casos. Destes sobressai o cantar (nove referências), circunstância que não é indiferente ao papel desempenhado pela poesia popular no canto em diversas situações do quotidiano. O “dizer” / “falar”, com oito, vem imediatamente a seguir e depois um leque de oito diferentes situações como chorar, ralhar, gemer, ler, gritar, assobiar, apregoar e rezar.

É praticamente inexpressiva, na poesia, o momento do dia em que o sujeito é estimulado pelo som de qualquer das anteriores origens. Ainda assim, há algumas referências a momentos marcantes do dia tradicional (a madrugada, com o início da actividade diária; a tardinha com o fim da actividade laboral e o regresso a casa; a meia-noite como a parte do dia proibida aos humanos, própria dos não humanos, quando todo o mal pode acontecer).

As referências relativas a espaços físicos concretos, onde se percepciona o som, não são em número significativo (oito no total). E distribuem-se, de forma quase equitativa, entre espaços rurais e urbanos. Nos primeiros, há referências à “serrinha”, “por entre aqueles pinheiros” e no “azinhal”. Nos espaços urbanos predominam referências a locais marcantes das comunidades, como os lugares de culto (igreja, adro), a rua da Praça, a rua das Padeiras ou à porta do seu “amor”.

O OLFACTO

É o sentido do cheiro. Serve a percepção dos odores sendo estimulado por partículas odoríferas ou aromáticas que se desprendem dos corpos voláteis. É tido como um dos sentidos mais importante, mais antigo e menos conhecido entre os mamíferos. No grupo referido desempenha um papel fundamental na procura de parceiro, na demarcação do território e na procura de alimento,

ainda que, actualmente, estas não sejam as suas principais funções. Não existe uma classificação universalmente aceite para os odores, devido à enorme dificuldade da tarefa.

Dos milhares de estrofes incluídas no universo desta pesquisa apenas 31 se referem a este sentido. Surge assim em terceiro lugar na ordem de grandeza da frrepresentação entre os cinco sentidos.

O olfacto ocorre com a designação de *cheiro* 27 vezes, *perfume* duas vezes e *aroma* outras duas. Na poesia popular o cheiro é caracterizado de forma positiva (cheiro agradável) através das designações *resplendor de cheiro, perfumadinho, cheiro excelente, cheiro doce e belo ch*eiro. Quando assim é pretende-se reforçar a ideia de bom cheiro emanado pelo agente odorífero (vegetal, rapariga, amada ou pessoa que socialmente desempenha papel de prestígio). E, negativamente (cheiro desagradável), por cheiro a bacalhau cru, cheiro a chamusco e cheiro a queimado. Os cheiros desagradáveis estão sempre associados a pessoas.

Tipologicamente podemos dividir a origem dos produtos que exalam cheiro em dois grandes grupos: a origem humana (seis menções) e a origem vegetal (32 menções). Há estrofes que registam mais do que um agente.

É no primeiro grupo (pessoas ou produtos humanos que exalam cheiro) que ocorrem os cheiros desagradáveis. Assim, o cheiro a sangue humano surge associado à "mãe do meu amor / que da janela se atirou". O cheiro a bacalhau cru está associado ao odor da área púbica por lavar. E o cheiro a chamusco ou queimado refere-se ao homem velho que deseja rapariga nova. Refira-se que todos estes cheiros carregam uma forte associação à voluptuosidade, ao prazer físico ou à ausência dele.

No segundo grupo temos as espécies vegetais que exalam cheiro como a rosa (9), o cravo (6), a flor de laranjeira (3), o manjerico, o rosmaninho, o alecrim, o loureiro (2) e por fim, a alfazema, a açucena, o pau de laranjeira, a violeta, a hortelã e o lírio (1). Verifica-se que a maioria das plantas são de cultivo, sendo poucas as espécies espontâneas. Também se constata que há muitas referências a plantas olfactivas, embora não estando associadas ao cheiro.

Hierarquicamente, como vimos, a rosa ocupa o topo deste tipo de representação, logo seguida pelo cravo. Com menor destaque estão a flor de laranjeira, o manjerico, o rosmaninho, o alecrim e o loureiro.

Em Henriques & Caninas (1995) constatou-se que a rosa é o elemento vegetal que na poesia popular desta região mais se identifica com o sexo feminino (mulher jovem) ao invés do cravo que se correlaciona com o sexo masculino (homem jovem). Como afirmam aqueles autores (1995:123) "*na simbologia popular a rosa representa o amor da mulher e a feminilidade. O cravo, flor vivaz, resistente, erecta, é sinónimo de virilidade, de masculino, de amor do homem*".

O cheiro a cravos, a rosas e a flor de laranjeira são considerados cheiros superiores, dignos de ocupar os lugares sagrados.

Na poesia, as substâncias cheirosas mencionadas perfumam três diferentes áreas: a primeira é o ambiente que as rodeia, como a rua ou a casa; a segunda, o corpo do sujeito feminino, ou alguma parte dele (peito, mão, nariz); e a terceira os recintos religiosos como as capelas (Espírito Santo, Senhora do Almortão ou a Senhora do Valverde).

Em suma, os cheiros agradáveis surgem como uma mais valia, tal como um elemento precioso de adorno e os cheiros desagradáveis, referências raras, como o reforço do absurdo das situações mencionadas.

O PALADAR

Os sabores são identificados através das papilas gustativas, implantadas na língua. Embora não existam, na língua, áreas específicas para cada tipo de sabor, como se acreditava até há poucos anos, sabe-se actualmente que todas as papilas gustativas possuem alguns graus de sensibilidade para cada uma das quatro sensações gustativas primárias (amargo, azedo, salgado e doce).

Foram identificadas 26 quadras com referências ao paladar.

Provar é o único verbo que se encontrou associado a este sentido, mas de um modo raro (dois casos). As menções ao paladar surgem são quase sempre de modo subentendido, através da referência ao gosto experimentado e/ou à substância de referência, como por exemplo “amargam como o limão”. No conjunto de quadras sobre os cinco sentidos, recolhidas por J. Lopes Dias (1966: 48) e José Belo (1985: 160) este é designado como gosto, mas o “gosto” recolhido por estes autores não é da área gastronómica, sinónimo de paladar, mas da área afectiva, sinónimo de enamoramento.

Dos quatro sabores primários discerníveis pelas papilas gustativas, na poesia popular, os paladares experimentados são de dois tipos: doce e amargo.

Cada um destes dois paladares está associado a produtos específicos. Assim, o paladar doce está ligado ao mel, “rei dos doces”, ao açúcar, à laranja - e neste caso talvez por contraste com o limão porque, quantitativamente, este fruto surge mais associado ao amargo que ao doce. O amargo, também com a designação de azedo, apresenta-se relacionado com o limão, o sal (o “rei dos sabores”), o fel (considerado o mais amargo da natureza “o rei dos amargos”) e o travisco.

Na imagética popular o doce é tido como um sabor agradável e localmente comparável com o coração da Senhora dos Remédios. O amargo é referenciado como desagradável, sendo comparável à sogra, à língua da sogra e à carne humana.

Na tradição popular, o doce está conotado com o feminino e o amargo com o masculino.

As substâncias mencionadas na poesia popular, geradoras de paladar, agradável ou desagradável, são o vinho (1), o sal (2), a laranja (9), a salsa (1), a aguardente medronheira (1), o limão (2), o açúcar (1), o trabisco (1), a carne humana (2), a sardinha salgada (1),a azeitona cordovil (1), o mel (1) e o fel (1).

O TACTO

O tacto é um dos cinco sentidos clássicos. É o modo como percebemos o mundo através da nossa pele. É o sentido que nos permite receber os estímulos mecânicos exteriores. Através dele é possível conhecer a forma e o estado de certos corpos.

O conceito de tacto utilizado neste trabalho corresponde à percepção da pressão pelas terminações nervosas da pele. Não se considerou a percepção da temperatura e da dor.

No universo de vários milhares de estrofes poéticas que consubstanciam o corpus de poesia popular recolhida na área de estudo, este sentido é o menos representado, com apenas 12 quadras.

Por coincidência, ou talvez não, é também o último sentido a ser tratado nos dois conjuntos de quadras que versam os cinco sentidos, atrás transcritas (Belo, 1985 e Dias, 1966).

Os termos ou expressões utilizadas para o designar são: dar as mãos; agarrar; apertar e apalpar. O último termo é o mais representado (oito estrofes). Apertar surge duas vezes e as restantes formas estão representadas apenas uma vez.

Em 58% das situações (7 estrofes) é o sexo masculino que utiliza este sentido (homens, senhor empregado, todos, ratinhos, etc.). Nas cinco situações restantes o sexo é indeterminado.

Em 75% dos casos (9 estrofes) o objecto apalpado são as damas, as meninas, as raparigas e as cachopas. Nos casos restantes (25%) o objecto é indeterminado. As partes do corpo alvo deste sentido (apalpar) são as mãos (33,3%) e as mamas (16,6 %), dado que nos restantes casos não são explicitadas.

Apalpa-se “p’ra animar”, “para dançar esta moda”, “brincando”, por uma aposta. O sentido táctil/apalpar encontra-se associado a três contextos diferentes: à dança; ao abuso de autoridade; à imagem de honradez da mulher. O primeiro, na sociedade tradicional, era de primordial importância. Era, oficialmente, dos poucos momentos onde o contacto físico entre rapariga e rapaz eram permitidos. Rapaz ou rapariga que não soubessem dançar estariam muito limitados na escolha de parceiro.

O abuso da autoridade era uma parte do quotidiano da Beira, ainda que tal realidade, do ponto de vista físico (táctil), estivesse pouco representada na poesia popular.

O terceiro contexto, o da imagem de honradez da mulher, corresponde ao sentido já testemunhado por Henriques & Caninas (1997), no qual o homem desqualifica e rejeita uma mulher "já apalpada de todos". O homem tradicional pretendia mulheres virgens e sem mácula na honradez. Esta realidade é comparada aos figos numa figueira em que qualquer um apalpa para conhecer o seu grau de maturidade.

Em suma, o tacto é um sentido pouco documentado na poesia popular da área de estudo. Quando ocorre está ligado ao elemento masculino/activo em contraponto com o feminino/passivo. São os portadores da força simbólica ou física que apalpam, tal como verificado na temática da violência (Henriques & Caninas, 1997).

A VISÃO

Os olhos são o instrumento da visão, um dos sentidos mais valofrozado na percepção do mundo. Através da visão detectamos a luz e as imagens e realizamos a interpretação das mesmas.

A visão é o sentido mais representado na poesia popular, com 161 estrofes e predomínio sob a forma de quadras populares.

De entre os cinco sentidos talvez seja a visão aquele que se mais se teme perder. Pode afirmar-se que, na concepção popular, a visão é o mais importante. É ele que certifica/confirma todos os outros. Quando se apresentam os cinco sentidos (Dias, 1966 e Belo, 1985) é a visão, o acto de ver, o primeiro a ser cantado.

O número de termos e expressões que representam este sentido é também maior por comparação com os restantes sentidos. O termo mais utilizado é o verbo *ver*, nas suas várias formas, embora também ocorra a utilização de outros verbos como olhar, lograr, contemplar e mirar. As expressões "plantar os olhos" e "impragar os olhos" surgem também com o sentido de ver.

Na poesia, o termo *ver* também significa saber, sentir, tentar, testar, ouvir, ter cuidado. Essas acepções não foram abrangidas nesta análise, tal como a expressão "a ver de... "que é sinónimo de procurar.

Os sujeitos que percepcionam o objecto podem ser arrumados em três diferentes grupos. O primeiro, maioritário, é indeterminado. O segundo, também com elevada expressão, é o "eu" – e esta é talvez uma das características da poesia popular. O terceiro grupo, menos representativo, é composto por figuras sagradas (Deus, Divino Espírito Santo, São João, Santo António, Senhora do Almurtão, etc).

O agente da visão percepciona uma vasta diversidade de objectos e situações. Categorizá-las não é um objectivo deste trabalho. Refira-se, no entanto, que a pessoa amada, e situações com ela relacionadas, é uma das temáticas mais recorrente.

A ausência de visão, consubstanciada pela cegueira, surge raramente (cinco estrofes). Este sentido é o único sentido em que a sua inexistência é expressamente referida na poesia popular. Nestes casos, invoca-se a Santa Luzia para dar "vista aos meus olhos / q'eu sou cega não vejo" e fala-se da cegueira provocada pela paixão "o tempo que te amava / Tinha olhos e nã via, / Na cegueira em que andava".

Fora do objectivo indicado, estaria a caracterização dos olhos e a análise da acepção dos olhos como espelho da alma e da magia que encerram. De facto, aflorou-se apenas o acto de ver. Porque os olhos fazem mais do que olhar, manifestam o estado de alma, o sexo, a relação, etc.

CONCLUSÃO

Com esta simples análise foi possível saber quão baixa é a representatividade dos cinco sentidos na poesia popular da região de Castelo Branco, talvez com uma excepção para o sentido da visão.

Na pesquisa efectuada contabilizaram-se as seguintes referências aos cinco sentidos, pelo número de estrofes poéticas e excluindo estrofes repetidas: visão – 161 (60%); audição – 37 (14%); olfacto – 31 (12%); paladar – 26 (10%); tacto – 12 (4%).

Estes valores indicam a supremacia da visão em relação aos restantes sentidos, a qual se evidencia, para além do número de estrofes, pelo seu papel intrínseco e relacional. De facto, é através da visão que se confirmam os quatro restantes sentidos.

Esta possível hierarquização dos sentidos coincide com ordem de apresentação dos cincos sentidos nos trabalhos de Antunes Belo (1985) e Lopes Dias (1966), no conjunto de quadras recolhidas em Benquerenças e Rochas de Baixo, transcritas no início deste trabalho.

Do ponto de vista simbólico o olho, órgão da percepção visual, é considerado, de modo natural e quase universal, o símbolo da percepção intelectual, consolidando a ideia anterior.

As referências ao sexo feminino, versando a temática em causa, são percentualmente muito superiores às do sexo masculino, como constataram também Henriques & Caninas (1995) noutras realidades sociais.

Embora sendo o olfacto o sentido mais primitivo do homem, a visão é o sentido por excelência da nossa sociedade tradicional.

BIBLIOGRAFIA

Acácio C. Oliveira (s/d), **Sarzedas e o seu Termo – Aspectos Geográficos, Históricos e Etnográficos,** Castelo Branco.

Belo, José Antunes (1985), **Benquerenças – no Espaço e no Tempo**, edição do autor, Castelo Branco.

Buescu, Maria Leonor Carvalhão (1984), **Monsanto – Etnografia e Linguagem**, Editorial Presença, Lisboa.

Dias, Jaime Lopes (1966), **Etnografia da Beira**, 2ª edição, vol. V, Lisboa.

Dias, Jaime Lopes (1948), **Etnografia da Beira**, 2ª edição, vol. VII, Lisboa.

Dias, Jaime Lopes (1967), **Etnografia da Beira**, 2ª edição, vol. VI, Lisboa.

Dias, Jaime Lopes (1971), **Etnografia da Beira**, 2ª edição, vol. IV, Lisboa.

Dias, Jaime Lopes (1955), **Etnografia da Beira**, 2ª edição, vol.III, Lisboa.

Dias, Jaime Lopes (1964), **Etnografia da Beira**, vol.II, Lisboa.

Ferreira, Seomara da Veiga & Costa, Maria da Graça Amaral da (1970), **Etnografia de Idanha-a-Velha**, Junta Distrital de Castelo Branco, Castelo Branco.

Henriques, Francisco & Caninas, João (1991), **Poesia Popular dos Cortelhões e dos Plingacheiros**, Associação de Estudos do Alto Tejo, Vila Velha de Ródão.

Henriques, Francisco & Caninas, João (1995), **A Representação da Mulher e do Homem na Poesia Popular do Sul da Beira Interior**, Câmara Municipal de Marvão, Ibn Maruán, 5, Marvão, pp.114-126.

Henriques, Francisco & Caninas, João (1997), **Violência Física na Literatura Popular do Sul da Beira Interior,** Hospital Amato Lusitano, Revista de Saúde Amato lusitano, Castelo Branco, pp.40-47.

Marques, Manuel Antunes (2004), **Etnografia de Toulões**, Câmara Municipal de Idanha-a-Nova, Idanha-a-Nova.

Matos, Joaquim Pires de (1983), **Juncal do Campo – Um Pouco da sua História**, Juncal do Campo.

Milheiro, António (2002), **S. Miguel de Acha – Memórias da Cultura Tradicional**, Câmara Municipal de Idanha-a-Nova, Idanha-a-Nova

Soares, Isaura Ribeiro Antunes (2001), **Etnografia do Concelho de Proença-a-Nova**, Num-memórias, Évora.

Vilhena, Maria Assunção (1995), **Gentes da Beira Baixa – Aspectos Etnográficos do Concelho de Proença-a-Nova**, edições Colibri, Lisboa.

MEDICINA·NA·BEIRA·INTERIOR
DA·PRÉ-HISTÓRIA·AO·SÉCULO·XXI

CADERNOS DE CULTURA
PUBLICAÇÃO NÃO PERIÓDICA

Director:
António Lourenço Marques

Coordenadora:
Maria Adelaide Neto Salvado

N.º 20 - Novembro de 2006

Secretariado:
Quinta Dr. Beirão, 27 - 2.º E
6000-140 Castelo Branco – Portugal
Telef. 272 342 042

Capa:
Recolha de ervas para a elaboração da Triaca.
Tacuinum sanitatis in medicina, Mss Facs. 343.
Biblioteca Nacional da Áustria.

Composição, impressão e acabamento:
SEMEDO - Soc. Tipográfica, Lda.
Apartado 18 | 6000-909 Castelo Branco
Telef. 272 324 243 | Fax 272 325400
e-mail: semedo.lda@netvisao.pt
www.semedo.pt

Os textos assinados são, na forma e no conteúdo, da inteira responsabilidade dos respectivos autores e não devem ultrapassar 2.500 palavras, incluindo a bibliografia e os anexos.

SUMÁRIO

O drama de Brás Luís de Abreu – o médico, as malhas da Inquisição e a obra – Maria Antonieta Garcia 5

Escorbuto, pepinos, inquisição e opúncias na época de Amato Lusitano (1511-1568) – Alfredo Rasteiro 24

Sentir Dor no tempo de Amato Lusitano – António Lourenço Marques 41

Amato Lusitano(1511-1568) e o homem esse desconhecido – Fanny A. Font Xavier da Cunha 46

De um caso de raiva contado por Amato Lusitano, em Salonica do século XVI, aos casos de raiva na região de Castelo Branco em finais do século XIX – Maria Adelaide Neto Salvado 51

Raiz da China – Uma planta com sentidos... – Maria de Lurdes Cardoso 60

Novos dados sobre o Real Hospital Militar de S. João de Deus na Praça de Penamacor – Augusto Moutinho Borges 67

A Higiene e a Salubridade na Urbe Albicastrense durante o século XIX – Manuel Morais Martins 71

Evocação/Memória de alguns Médicos notáveis da Beira Interior - concelho do Fundão (V) – Joaquim Candeias da Silva 76

Os Sentidos na Poesia Popular da Região de Castelo Branco – Francisco Henriques – Tânia Gonçalves – João Caninas 83

As doenças na Gardunha - Crendices, Benzeduras e Curativos – Albano Mendes de Matos 89

Sob a Protecção de Lucina — Aspectos da Medicina Obstétrica e Ginecológica Antiga – Maria do Sameiro Barroso 93

Fleming: história da medicina e saber comum – João Rui Pita – Ana Leonor Pereira 104

Medicina e Judaísmo na transição para a modernidade – João-Maria Nabais 107

A Gravidez Ilícita de Rubena: dualidade entre vergonha e sofrimento – Rita Diana de Sá Lobato Moreira 113

Masculino – Feminino: uma Construção Cultural no Ocidente – António Maria Romeiro Carvalho 120

Contributos para a História da Saúde em Macau - (dos finais do séc. XIX às duas primeiras décadas do séc. XX) – José da Conceição Afonso 125

EXPOSIÇÃO – A Arte ao Serviço dos Cuidados Paliativos 135

A Exposição " Os olhares das ausências. Interioridade e Bócio" – Pedro Miguel Salvado 136

Conclusões 139

Os Sentidos – Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata 140

MEDICINA·NA·BEIRA·INTERIOR DA·PRÉ-HISTÓRIA·AO·SÉCULO·XXI

CADERNOS DE CULTURA N.º XX | NOVEMBRO 2006